

Memória branca, herança preta: uma intervenção na senzala da Fazenda São Bernardino

Matheus Ribeiro Cunha

Orientação: Prof. Ms. Luciano de Topin Ribeiro (Universidade Estácio de Sá).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estácio de Sá, 2018.

O projeto aponta a necessidade de novos olhares para a prospecção da construção do espaço contemporâneo, buscando reverter os aspectos de desvalorização de memória e seus reflexos na nossa sociedade. O trabalho é uma crítica à

omissão da narrativa da memória negra e a estruturação desse esvaziamento refletida na construção espacial das cidades, capaz de provocar uma análise do contexto social, usando a arquitetura como veículo de reflexão.

White memory, black inheritance: an intervention in the slave quarters of Fazenda São Bernardino

This project emphasizes the necessity of adopting fresh perspectives in exploring the development of contemporary spaces, seeking to reverse the devaluation of memory and its effects on our society. The work represents a critique of the neglect of black memory narratives and of how the spatial construction of cities reflect this structured absence, which prompts an analysis of the social context, using architecture as a means of reflection.

Memoria blanca, herencia negra: una intervención en la senzala de la Hacienda São Bernardino

El proyecto despierta la necesidad de nuevas miradas hacia la prospección de la construcción del espacio contemporáneo, buscando revertir los aspectos de desvalorización de la memoria y sus reflejos en nuestra sociedad. El presente trabajo se constituye en una crítica a la narrativa omitida de la memoria negra y la estructuración de ese vaciamiento reflejado en la construcción espacial de las ciudades, capaz de provocar un análisis de un contexto social usando la arquitectura como vehículo de reflexión.

Indagar e questionar a própria história é o que possibilita fazer uma análise mais profunda das significações que foram dadas à essência dos objetos, e aos sujeitos e ações ao longo do tempo. A partir da perspectiva colonizadora, considerando a política de embranquecimento que caracterizou a formação da sociedade brasileira, e sob grande influência da importação de pessoas escravizadas da África, conseguimos ter um panorama da construção da identidade brasileira, possibilitando indagar quais foram as marcas omitidas. Antônio Sergio Alfredo Guimarães (2009) expõe que a sociedade pós-colonial vivia uma permanente crise de autoestima, com recriações culturais incorporadas como populares, tornando-as, assim, subculturas étnicas e raciais.

A partir da ruptura no pensamento dessa construção social, é possível fazer uma análise geral do que é lecionado no ensino básico brasileiro, no qual a história é contada a partir de uma perspectiva que não gera pertencimento, ou seja, uma narrativa eurocêntrica, ocidental e colonizadora. Dessa forma, educa-se uma sociedade sem conhecer de fato o que é seu, aprendendo uma síntese do colonizador e gerando uma omissão histórica que reflete diretamente no esvaziamento da memória de uma cidade. Nessa perspectiva, segundo Abdias do Nascimento (1980, p.82), "quem não tem passado não tem presente e nem poderá ter futuro", considera-se assim que a falta de pertencimento nas relações identitárias é um dos grandes estruturadores dessa problemática.

As identidades demarcam fronteiras na cidade. Os espaços se configuram pelas relações econômicas, sociais e também identitárias. As identidades se firmam também, em relação às diferenças. Essas diferenças se estabelecem de acordo com relações de classe, de sexo, de consumo e de poder. Uma das formas de se negar o espaço do outro é negando sua existência, anulando sua identidade e, portanto, tornando-o invisível frente ao outro. (RIBEIRO, 2009, p.188).

Com isso, quando se compara os grandes e esplendorosos edifícios, como o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a áreas próximas e abandonadas, como o Cais do Valongo — antigo cais localizado na região portuária do Rio de Janeiro, local da chegada dos africanos escravizados —, percebe-se os diferentes valores intrínsecos atribuídos não só pelo governo, mas também pela iniciativa privada e pela grande massa da sociedade. Essa falta de protagonismo gera uma discussão social mais profunda sobre desigualdade social, preconceito e ausência de pertencimento.

Levando em consideração o contexto histórico de formação cultural do Brasil e os lugares que hoje são símbolos da diáspora africana na estruturação das cidades brasileiras, a finalidade dessa discussão é apontar a urgência de identificar e intervir em lugares onde o poder do apagamento se estruturou, despertando as ressignificações dos patrimônios culturais e dando visibilidade às narrativas omitidas. Assim, é possível mediar a relação do projeto arquitetônico no espaço edificado com memória e sociedade.

O local de intervenção do projeto insere-se nesse contexto crítico, atraindo diversas pessoas que passam pelo local. A Fazenda São Bernardino é hoje um conjunto de ruínas, que chama a atenção por sua beleza peculiar na região de Nova Iguaçu — Tinguá, Rio de Janeiro, cujo grande destaque é a Casa Grande. Esse realce gera nos visitantes a falta de dimensão da existência do que há abaixo do nível elevado em que se situa o casarão: a senzala e o engenho. Essa diferenciação de alturas na construção da fazenda traz uma segregação para além dos delimitadores espaciais, no qual o aspecto físico se relaciona involuntariamente ao apagamento dessa memória.

O projeto é um ensaio de desconstrução e ressignificação de memória e espaço, baseado em conceitos do filósofo Jacques Derrida sobre a desconstrução espacial. A proposta reflete sobre o próprio significado do lugar, instigando outras percepções "ocultas" para além da imagem que vemos de imediato. Dessa forma, gera-se um



FIG. 1:

Vista aérea da Fazenda São Bernardino, na região de Nova Iguaçu — Tinguá, Rio de Janeiro.

Fonte: Google Earth (2018).

1. REALOCAÇÕES



2. QUEBRA DE EIXO - FOCO CASA GRANDE



3. DESVIO DE VIA

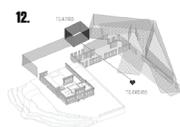
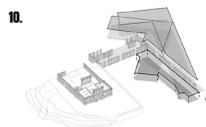
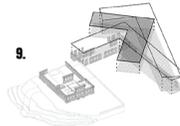
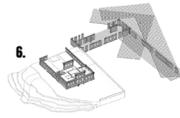
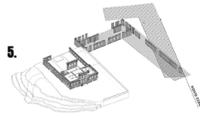
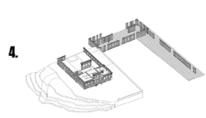
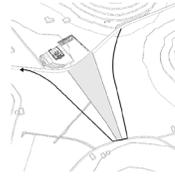


FIG. 2:

Operações de giros que originaram a volumetria final do projeto.

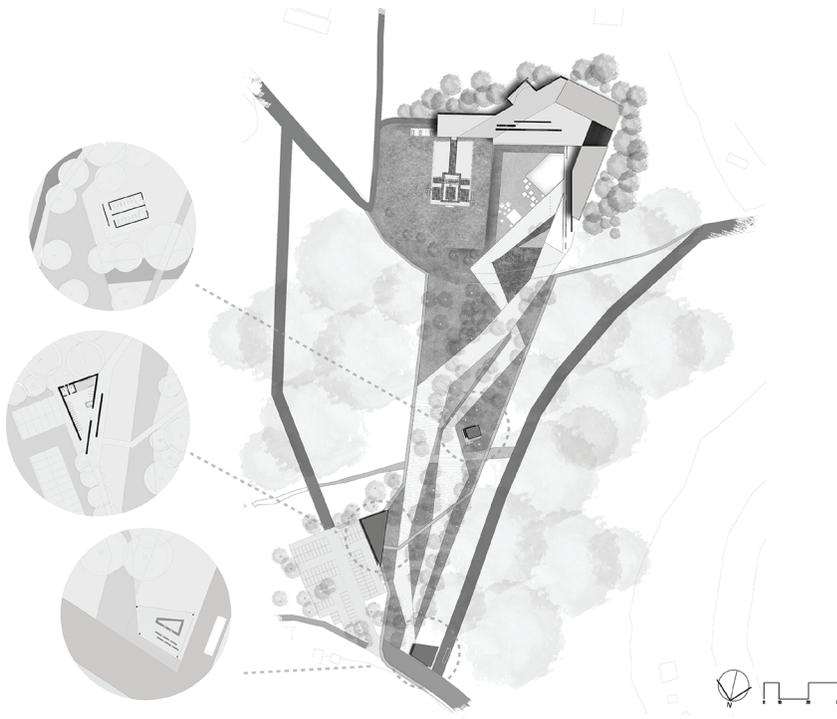


FIG. 3:

Implantação do parque e da proposta de intervenção.

senso crítico e uma maior sensibilidade ao vivenciar um lugar, entendendo que o significativo é uma constante em significar, passível a diferentes e mutáveis interpretações sobre um mesmo contexto.

Derrida analisou questões onde a representação pura não é mais predominante, ele denuncia uma espécie de crise da representação enquanto representação e mostra a possibilidade de abertura para outras dimensões, tais como as ético-políticas, dentre elas aquela da hospitalidade, da democracia por vir, da justiça por vir. A discussão aparece em Derrida, não mais nos moldes dos discursos dos anos 1960-1970, mas nos moldes da desconstrução. (SOLIS; FUÃO, 2015, s.p.).

A provocação sobre esses novos desdobramentos do local se insere no contexto de reafirmação histórica que ainda hoje é velada, levado pela condição de abandono e a falta de interesse de um lado da história, que é estruturalmente marginalizado. Costurando a relação da importância histórica do lugar com o pensamento derridiano e arquitetura, o ensaio introduz o que é o espaço e suas reais significâncias.

As superestruturas [seriam] desconstruídas para que finalmente se alcance a base, o solo original, a fundação última de uma arquitetura ou de um pensamento de arquitetura. Não há retorno à pureza ou à propriedade [propriété], à essência da arquitetura em si. (DERRIDA, 1989, p.69).

A referência de partido no protagonismo histórico/espacial foi um aspecto formal que hoje é inexistente — volumetria da senzala e engenho —, submetida a uma operação de giros que originou a construção volumétrica do atual projeto.

A seguir, ao decompor esse mesmo volume em planos, o resultado da criação desses ambientes é usado como forma de expressão e reflexão da ausência e da existência do espaço, fluindo entre os planos num percurso que provoca o questionamento dos verdadeiros delimitadores espaciais.

Além disso, as estratégias de partido foram progredindo com o objetivo de ressignificar esses aspectos espaciais de valorização da Casa Grande, o que leva a uma outra diretriz projetual: a quebra do eixo da alameda das palmeiras, que foi projetada para dar ênfase à arquitetura imponente da Casa Grande. Com a quebra desse eixo, o projeto ganha uma chegada que se transforma em um parque, como um percurso que é contado por visadas estratégicas, preparando o visitante para a chegada no Centro de Interpretação, onde o trajeto convida a um passeio sensorial e dramático pelas ruínas da senzala e do engenho, salientando a reflexão do intenso significado do lugar.

A partir do caminho das ruínas o visitante é convidado a "mergulhar" no interior do projeto, uma estratégia metafórica que provoca a percepção de se adentrar na narrativa do lugar, percurso conduzido por uma rampa que corta o espelho d'água, outro elemento de grande relevância no projeto.

Ainda nas reconversões subjetivas de cada lugar de memória da Fazenda São Bernardino, como estratégia a partir da desconstrução não apenas espacial, mas também das significações, a proposta se debruça nas experiências de quem vivencia cada lugar. O terreiro e a senzala/engenho, lugares de sofrimento, foram propostos como lugar de silêncio, respeito e reflexão. Em contraponto, a Casa Grande, um espaço mais "polido", será um lugar mais intenso. E essas sensações de reversão conceitual são trazidas ao visitante por meio de experiências vivenciadas em cada ambiente.

Nesse sentido, o espelho d'água permite ao visitante adentrar as águas e sentar-se nas "ilhas" criadas para contemplação. Nesse momento ele é levado a uma reflexão mais profunda sobre o espaço da senzala e do engenho, em que sua única paisagem são as ruínas. Além disso, essas ruínas são refletidas na imensidão das águas — no lugar do antigo terreiro.

Já no Casarão, o ponto final do percurso do projeto, o espaço é tomado por uma instalação permanente que conduz a percursos que reconstróem os cômodos de maneira irrequieta, transformando-se em mirantes com vista para o Parque e a Serra de Tinguá, onde nascia o Rio Iguassú, principal meio de chegada de escravos africanos na região.

O partido é um processo evolutivo de descoberta na ressignificação desse espaço, instigado pela análise da real significância, como Derrida propõe.

Essa investigação se inicia a partir da pesquisa dos aspectos formais originários desses espaços, como ponto de partida no entendimento dos lugares e seus significados. Além disso, a importância da identificação das percepções de pessoas — a atribuição de valor ao lugar dos que passam pela fazenda com outros destinos, das pessoas que usam de cenário para ensaios fotográficos e principalmente

dos moradores da região — e como isso está relacionado com os aspectos de esvaziamento da memória atrelado às relações espaciais hoje: casa grande em destaque e senzala escondida.

Com isso, propomos eixos e quebra de planos levando a visadas estratégicas de valorização das ruínas da senzala — percurso que começa na natureza e se desdobra em paisagens antes não reveladas: o caminhar escuro e estreito pelas ruínas; a calma das águas no terreiro e a inquietude provocativa da casa grande. Essas sensações são frutos de uma (de)composição de espaços, traduzindo a desconstrução arquitetônica e significativa através da experiência e reflexão de quem vivenciará esses lugares.

Compreendendo que a construção das cidades é pautada no aspecto do esvaziamento cultural, a relevância do projeto é a compreensão da narrativa omitida, instigando o pensamento crítico para além do objeto arquitetônico e entendendo as relações do patrimônio cultural e do projeto como ferramenta de ressignificação. Sendo assim, estruturado na questão das diferentes significâncias, o ensaio entende que a arquitetura pode transcender o campo da materialidade, revelando também que ela acontece por si só.



FIG. 4:
Perspectiva axonométrica da proposta de intervenção.

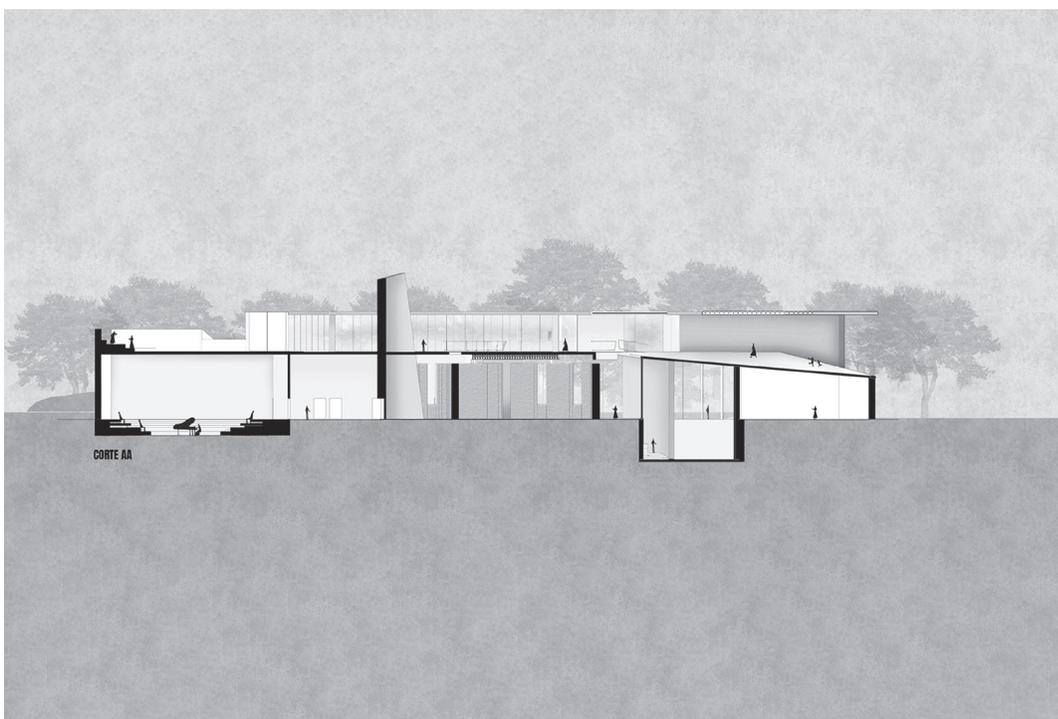


FIG. 5:
Corte da proposta de intervenção.



FIG. 6:
Vista do acesso ao interior do projeto.

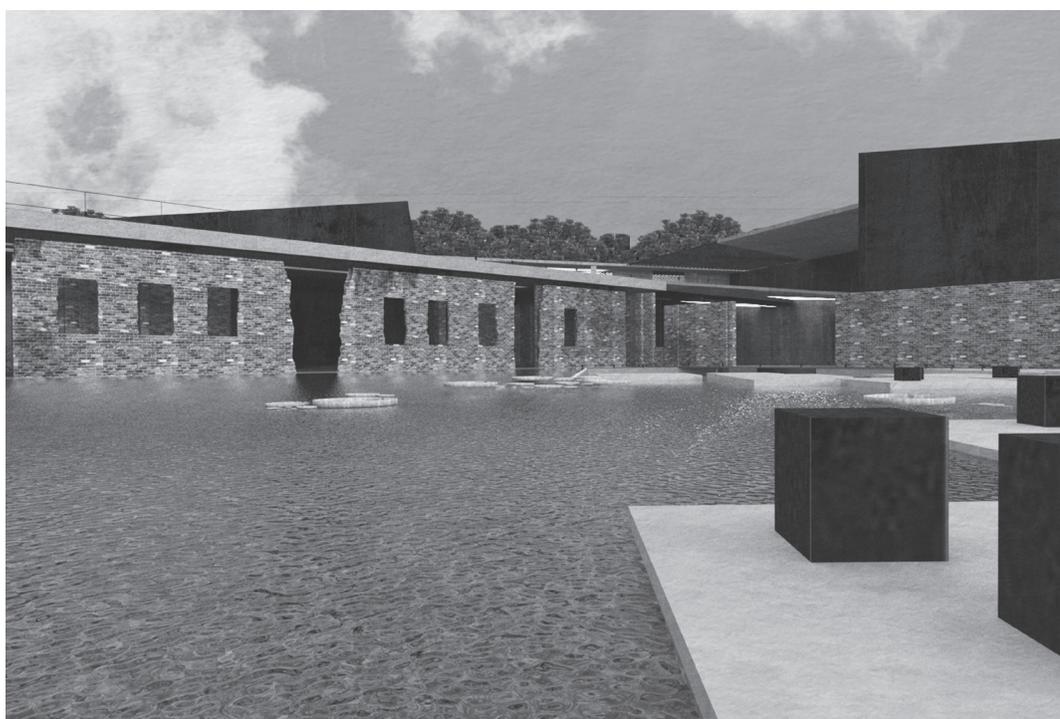


FIG. 7:
Vista da relação do espelho d'água, terreiro e ilhas de contemplação.

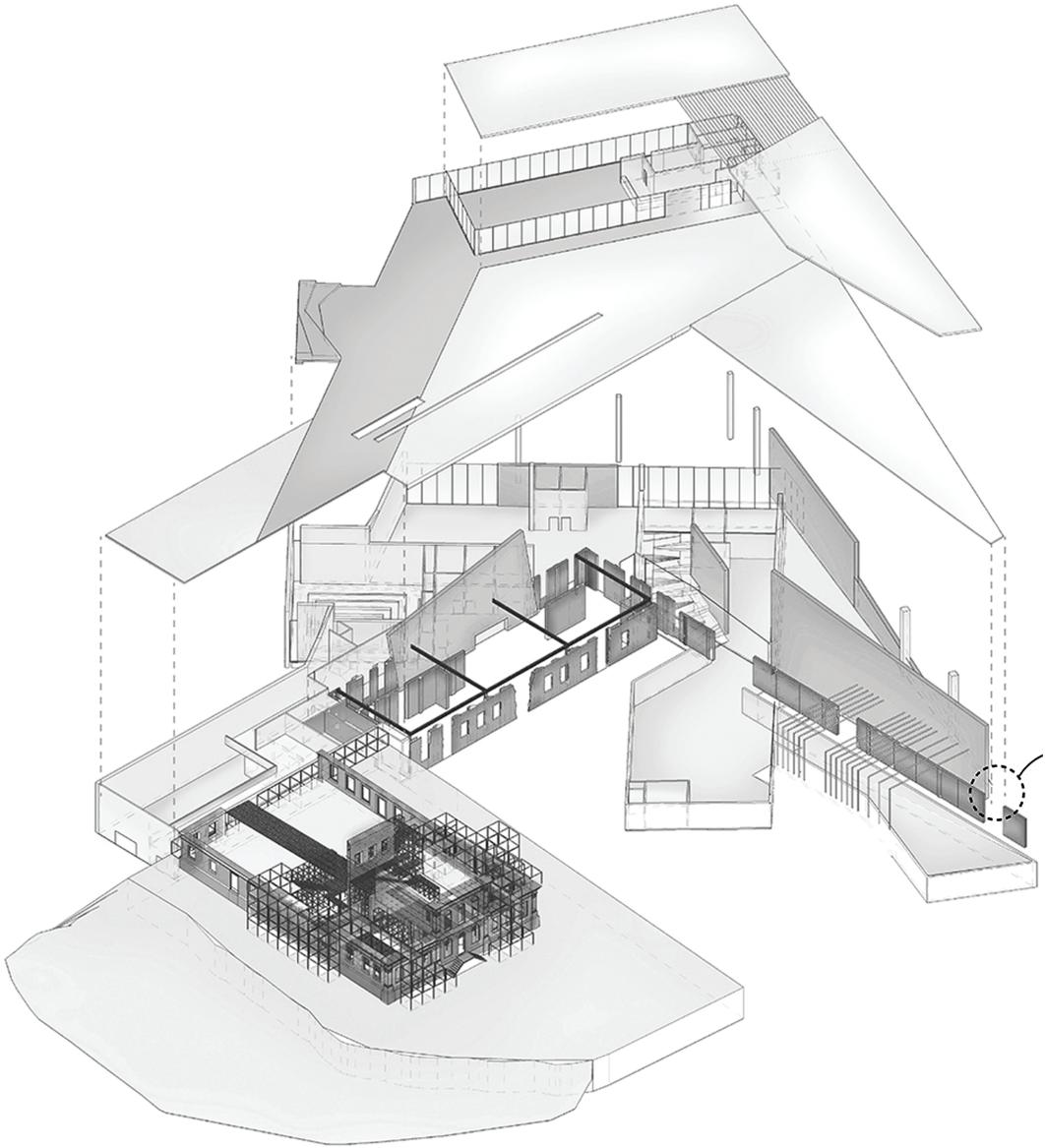


FIG. 5:
Perspectiva explodida da proposta de intervenção.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. Jacques Derrida in Conversation with Christopher Norris. **Architectural Design**, LVIII, n.1-2, p.6-11. Reeditado por PAPADAKIS, Andreas; COOK, Catherine; BENJAMIN, Andrew (eds.). Discussion with Christopher Norris. In: Deconstruction Omnibus Volume. Londres: Academy Editions, 1989, p.71-75.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: Edufba, 2010.

MATUS, Moduan. **Histórias de Nova Iguaçu: recortes de uma cronologia ilustrada de 510 anos**. Nova Iguaçu: Editora Traço e Texto, 2018.

MIRANDA, Claudia; RIASCOS, Fanny Milena Quiñoes. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v.21, n.3, p.545-572, set./dez. 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. Um roteiro de visibilidade e invisibilidade na cidade. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.1, n.1, p.185-196, jan. 2009. Disponível em: <http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/1edicao/UMROTEIRODEVISIBILIDADEEINVISIBILIDADENACIDADE.pdf>. Acesso em: dez. 2018.

RODRIGUES, Cristina Carneiro; LUCA, Tania Regina de; GUIMARÃES, Valéria (Org.). **Identidades brasileiras: composições e recomposições**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; FUÃO, Fernando Freitas. **Derrida e arquitetura**. Editora: Eduerj, 2015.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; FUÃO, Fernando Freitas. Encontros da filosofia com a arquitetura, mediados pelo pensamento Jacques Derrida. **Resenhas Online – Vitruvius**, São Paulo, ano 14, n.163.03, jul. 2015. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/14.163/5607>. Acesso em: maio 2018.

ZONNO, Fabiola do Valle. O valor artístico na relação passado-presente. Modos de interpretação do lugar. **Arquitextos – Vitruvius**, São Paulo, ano 17, n.195.00, ago. 2016. Disponível em: www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6171. Acesso em: maio 2018.

SOBRE O AUTOR

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Estácio de Sá em 2018. Especialista em Gestão e Restauro Arquitetônico pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestrando em Projeto e Patrimônio pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

matheus.cunha@fau.ufrj.br